

## EX-MINISTRO DE FHC DESAFIA A POLÍTICA ECONÔMICA FEDERAL

Heberth Xavier

*O Estado de Minas, 13.1.2002*

O economista Luiz Carlos Bresser Pereira iniciou 2002 metendo-se numa polêmica que não imaginava suscitar. O documento que o ex-ministro da Administração e da Ciência e Tecnologia no governo FHC preparou para defender estratégias de desenvolvimento para o País circulou nos meios político e econômico, provocando controvérsias: para uns, trata-se de importante contribuição ao debate crítico sobre o modelo adotado pela equipe econômica do governo federal, chefiada pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan – tese reforçada pelo fato de Bresser ser ligado ao partido do presidente, de quem continua amigo. Outros viram no material, formulado em conjunto com o ex-secretário da Fazenda de São Paulo, Yoshiaki Nakano, apenas tons passadistas, com defesas implícitas de empresas e empresários incompetentes. Bresser, que também foi ministro da Fazenda no governo de José Sarney, preparou o documento, intitulado “Uma Estratégia de Desenvolvimento com Estabilidade”, a pedido do presidente do PSDB, José Aníbal. Não quer personalizar o debate, assumindo críticas diretas a Malan ou ao presidente do Banco Central, Armínio Fraga, embora admita que algumas de suas idéias conflitam com o pensamento ainda hegemônico em Brasília. “A prioridade deve ser expandir a economia pelo menos 5% ao ano, e depois disso crescer a um ritmo superior”, disse Bresser Pereira, na entrevista que concedeu ao jornal ESTADO DE MINAS.

**ESTADO DE MINAS – O documento formulado pelo senhor e o também economista Yoshiaki Nakano vem gerando polêmica, por defender pontos estranhos a algumas ações atuais da equipe econômica federal. Quais as bases que criaram esse documento?**

**BRESSER PEREIRA** – Desde que o Brasil, em 1994, conseguiu estabilizar sua economia, graças à utilização da teoria da inflação inercial criada por Arida (Pérsio Arida, ex-presidente do Banco Central) e pelo André Lara Rezende (ex-presidente do BNDES), participei dessa batalha. Ficou claro depois que não tínhamos estabilizado a economia, tínhamos apenas estabilizado os preços, mas com desequilíbrios fundamentais na área do câmbio e na área dos juros. Minha briga em quase 5 anos dentro do governo foi com relação ao câmbio, que tinha uma solução não fácil, mas clara: tínhamos de desvalorizar o real. Quando isso foi vencido parcialmente, em 1999, continuei preocupado, uma vez que deveríamos buscar um equilíbrio de médio prazo na nossa conta corrente e, portanto, eliminar os maiores riscos ao País. Comecei então a discutir o problema da dependência da poupança externa que tínhamos e ainda temos. Continuava também o problema da taxa de juros, que está incondicionalmente amarrada à taxa de câmbio, numa economia de moeda flutuante. A minha convicção, como professor de teoria do

desenvolvimento econômico, é de que ele (o crescimento) depende de taxas de juros baixas e taxa de câmbio relativamente desvalorizada.

### **Para a economia crescer é necessária uma moeda desvalorizada?**

Se observarmos como a Alemanha e o Japão se desenvolveram no pós-guerra, foi com taxa de câmbio desvalorizada e com taxa de juros baixa. Coréia, China, Taiwan e Tailândia percorreram caminho semelhante, com taxa de câmbio relativamente alta, desvalorizada. Outro dia o Ricupero (Rubens Ricupero, ex-ministro da Fazenda) falava-me de uma conversa que teve com o embaixador da Tailândia nos EUA. Ricupero perguntou a ele qual o segredo de todo o desenvolvimento que a Tailândia teve. A resposta foi: “Se você quer em uma palavra, o segredo foi taxa de câmbio desvalorizada”.

### **Defensores da política econômica de antes da maxidesvalorização do real dizem que o câmbio valorizado justificava-se naquele momento de inflação ainda enraizada na sociedade brasileira...**

Isso não é correto. O argumento do câmbio provou ser falso, no momento em que o presidente Fernando Henrique teve a coragem e decidiu desvalorizar o real. Foi uma decisão dele. Dizem que o presidente foi obrigado pelo mercado a desvalorizar. Isso é meia verdade. Claro que havia uma crise, mas ele poderia empurrar com a barriga, como o De la Rúa fez na Argentina, e estaríamos hoje no desastre total. Houve uma valorização do real pouco antes da posse de FHC, que era até necessária, mas depois já era clara a necessidade de corrigir o câmbio. O Pêrsio Arida pensou nisso. Depois da crise do México, aumentou os juros para desaquecer a economia. Assim que isso ocorresse, faria a desvalorização ou flutuação do câmbio. Em setembro ou outubro de 1995 isso deveria ocorrer, e o fato de não ter acontecido custou-nos uma enorme perda de PIB (Produto Interno Bruto) potencial, e um enorme processo de endividamento.

### **Basta desvalorizar a moeda para a economia crescer?**

Há os juros. Nos últimos seis meses, em conversas com o Nakano e em discussões com ex-alunos meus, hoje professores e doutores, é que nós chegamos a uma análise mais completa de que, para baixar a taxa de juros, não precisávamos esperar a redução do risco-Brasil (diferencial entre a taxa de juros paga pelos títulos do tesouro norte-americano e a paga pelo governo brasileiro). Vimos que o risco-Brasil era muito maior do que aquilo apontado pela classificação das agências de risco. Após acontecer a maxidesvalorização do real, afastamos a crise imediata, mas mantivemos os juros elevados, e continuamos – o que é mais grave – com uma atitude apática em relação à estratégia de desenvolvimento do Brasil. Uma atitude de aceitar o diagnóstico e o conselho dos presidentes norte-americanos, do governo e do sistema financeiro. Aceitamos acriticamente, ao invés de pensarmos com nossa própria realidade.

### **Essas críticas poderiam ser personalizadas no ministro da Fazenda, Pedro Malan?**

Não quero citar nomes. Quando falo que nós erramos, digo nós, a elite brasileira.

### **Como se deu esse recebimento acríptico dos conselhos de Washington?**

O governo Reagan já dizia para nós endividados em desenvolvimento: “nós entendemos que vocês não têm mais recursos para desenvolver, mas não se preocupem, façam a lição de casa, o ajuste fiscal, as reformas, e nós faremos nossa parte”. Com os investimentos estrangeiros diretos viria o desenvolvimento econômico

para nós, diziam. Isso tem sido um desastre para o Brasil. Primeiro que a premissa de que não temos mais recursos para desenvolver é falsa. Nenhum país se desenvolve a não ser com seus próprios recursos. Pode até usar, durante um período curto, a poupança externa, mas tem de usar depois seus próprios recursos. Não tenho nada contra o investimento direto, mas esse investimento é um financiamento como qualquer outro. O presidente Fernando Henrique disse em sua mensagem de Natal que o investimento era de US\$ 2 bilhões por ano e passou a US\$ 24 bilhões por ano. Uma maravilha, fizemos a lição de casa e teremos gente para nos financiar nosso desenvolvimento. Ocorre que estamos recebendo esse dinheiro há vários anos, o que significa que estamos nos endividando patrimonialmente, com obrigação depois de pagar dividendos – e nossa taxa de crescimento da economia não expandiu um centavo. Por que isso? Porque não só estava errado o diagnóstico de que não tínhamos os recursos, mas também porque o argumento de que o investimento direto resolverá todos os nossos problemas é falso. O investimento direto seria muito útil desde que não viesse a valorizar nosso câmbio e aumentar nosso consumo. Se você deixar o investimento direto vir e deixar todas as demais variáveis constantes, ou seja, se você não baixa a taxa de juros, a entrada de financiamento virá junto com a valorização do câmbio, o que significa aumento dos salários reais (valorização do câmbio é uma mudança de preços relativos a favor dos bens não comercializáveis, particularmente da força de trabalho). Nesse momento aumenta o consumo – e se aumenta o consumo, a poupança que veio do exterior é compensada pela despoupança que fazemos aqui. O resultado final da história é que, anos depois, continuamos aceitando aquele diagnóstico vindo do Norte, não desenvolvemos nada e ainda nos endividamos.

**Essas idéias contrapõem-se a posições ainda hegemônicas no governo federal...**

Claro, confirmo isso.

**Por que os juros continuam altos?**

Dizem que não podemos baixar os juros porque nosso risco é alto. Isso é falso. A palavra risco-Brasil é muito enganosa. Uma forma de medir o risco é utilizar variáveis como o déficit público, contas externas etc. Outra forma é apurar a diferença em pontos percentuais entre a taxa de juros que pagamos nos empréstimos em dólar que fazemos e as taxas do título norte-americano. Acontece que essa segunda forma de medir o risco-Brasil não é proporcional ao risco avaliado pelas agências de risco. Todos os países com risco maior que o Brasil, exceto Argentina, têm uma taxa de juros real substancialmente menor que a brasileira. Enquanto a brasileira é de 11 a 12%, a desses países varia de 2% a 5% reais. Não há correlação entre uma coisa e outra. Então porque nossa taxa de juros é tão alta? Observamos que a taxa de juros no Brasil obedece a uma quantidade de funções muito maior do que o razoável. Quando você dá essa quantidade enorme de papéis aos juros, é claro que serão altos. Qual o papel que a taxa de juros deve ter? Qual o papel que o maior banqueiro central que conheço, o Greenspan (Alan Greenspan, presidente do BC dos EUA), dá à taxa de juros? É controlar a demanda agregada: se a economia se superaquece e há um perigo de inflação, você eleva a taxa de juros; se começa a desaquecer, você baixa os juros. No Brasil não, damos outras quatro funções além de controlar a demanda agregada: controlar a desvalorização da taxa de câmbio para evitar efeitos de inflação de custo; atrair capital externo para fechar a balança de pagamentos; induzir os investidores internos a comprar títulos públicos para financiar o déficit público; e, por último, reduzir o déficit comercial através do controle da demanda interna, com conseqüente redução nas importações e aumento das exportações. Quando você dá todos esses papéis à taxa de juros, o resultado é que ela sobe. Se o comprador lá fora vê uma taxa de juros dessas, ele pensa: “é, esse país deve ter

problemas mesmo". E aproveita essa situação, adquirindo papéis que pagam prêmios muito maiores do que deveriam.